

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



William Roslindo Paranhos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



William Roslindo Paranhos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História: espaços, poder, cultura e sociedade 3

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: William Roslindo Paranhos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade 3 /
Organizador William Roslindo Paranhos. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0038-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.387222503>

1. História. 2. Sociedade. I. Paranhos, William Roslindo
(Organizador). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” propõe uma discussão científica, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, em torno da análise de processos históricos da humanidade, por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus onze capítulos. O volume abordará, de maneira categorizada, textos acadêmicos que se caminham através de vários séculos, discutindo dispositivos que serviram, e ainda servem, como reguladores, normatizadores ou, até mesmo, como potencializadores do cenário social.

A riqueza desta publicação consiste, sobretudo, na interdisciplinaridade que, a todo instante, é valorizada nas produções, à começar pela pluralidade de campos do conhecimento que debatem, convergem e divergem acerca de conceitos teóricos e empíricos, pela representatividade de instituições de ensino e pesquisa de renome no país, por conta das diversas abordagens e metodologias utilizadas e, por fim, em virtude de escopos bastantes distintos, mas que buscam, em sua essência, investigar fenômenos sociais bastante próximos.

Por mais que o termo “história” nos leve, teimosamente, a pensar e refletir, tão somente, acerca de acontecimentos do passado, este livro nos convida a aprofundar nossa capacidade dialética e possibilitar que conceitos tidos como ortodoxos se tornem contemporâneos o bastante a fim de instrumentalizarem nossas análises e discussões sobre os tempos modernos. É o exercício de olhar para o passado, considerá-lo e criar, a partir dele, uma analogia com o contexto atual. As pessoas autoras provam que isso é possível, e eu diria, também, necessário.

Outro ponto bastante importante de ser destacado e valorizado neste volume é sua proposta em criar um repositório de conhecimento onde as pessoas que fazem a academia existir e ser o que é, possam realizar buscas, pesquisas, constatações, aproximações, enfim, tudo aquilo que as permita construir o preceito básico, ou ao menos o que deveria ser, de toda sociedade moderna: a construção da consciência crítica.

Deste modo, “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” apresenta uma teoria bem fundamentada acerca de resultados alcançados no processo de pesquisa por pessoas docentes e acadêmicas, que desenvolveram seus trabalhos a fim de contribuir com o avanço das ciências e os quais serão aqui apresentados. Sabemos da importância, cada vez mais urgente, de se valorizar a atividade científica e, por tal razão, é que também destacamos o valoroso da Atena Editora que, por meio de seu renome no campo editorial, é capaz de oferecer uma plataforma consolidada, a fim de que essas pessoas possam expor e divulgar seus trabalhos, conquistando seu merecido reconhecimento.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

SAPATEIRO PERDE PARA A SAPATÃO”: REPRESENTAÇÕES E RESISTÊNCIAS NA IMPRENSA PARAENSE (1980-1990)

Júlio Ferro Silva da Cunha Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225031>

CAPÍTULO 2..... 10

A FIGURA FEMININA NAS PRIMEIRAS RODAS DE SAMBA: UMA PESQUISA SOBRE OS ESTUDOS PRODUZIDOS SOBRE O SAMBA NO SÉCULO XX

Ana Vitória Campos Pompeu e Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225032>

CAPÍTULO 3..... 19

OLHARES PARA O OPRIMIDO: VARIAÇÕES DA PINTURA SOCIAL MODERNA NO BRASIL

Luciana de Fátima Marinho Evangelista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225033>

CAPÍTULO 4..... 29

O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO DA ARTE PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL

Ismeinem Vieira de Faria Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225034>

CAPÍTULO 5..... 43

CONTRUÇÕES HUMANAS: COMPREENDENDO OS CONCEITOS DE RELIGIÃO E CULTURA NAS PROSPECTIVAS DAS INTOLERANCIAS PERPETUADAS EM FACE DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRO-BRASILEIRAS

Elisaura de Fátima Martins Carrijo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225035>

CAPÍTULO 6..... 53

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E SUPERAÇÃO DO RACISMO

Sebastião de Assis Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225036>

CAPÍTULO 7..... 65

HETEROGESTÃO E AUTOGESTÃO: UM ESTUDO SOBRE OS PROJETOS SOCIOEDUCACIONAIS DE ALIENAÇÃO *VERSUS* EMANCIPAÇÃO - UMA ÓTICA ANARQUISTA

Luana Aparecida Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225037>

CAPÍTULO 8	78
O MATRIMÔNIO NO <i>FUERO REAL</i> DE ALFONSO X, O SÁBIO	
Eliezer dos Santos	
Jaime Estevão dos Reis	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225038	
CAPÍTULO 9	90
POR UMA VIDA DEVOTA: <i>FILOTEIA</i> (1609), DE SÃO FRANCISCO DE SALES, NO CONTEXTO DA REFORMA CATÓLICA	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225039	
CAPÍTULO 10	100
A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA DE 1911	
Sofia Vicente Vagarinho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250310	
CAPÍTULO 11	110
A GUERRA FRIA E OS MOVIMENTOS CIVIS: O MACARTHISMO E O MEDO COMUNISTA	
Augusto Machado Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250311	
SOBRE O ORGANIZADOR	121
ÍNDICE REMISSIVO	122

CAPÍTULO 1

SAPATEIRO PERDE PARA A SAPATÃO”: REPRESENTAÇÕES E RESISTÊNCIAS NA IMPREENSA PARAENSE (1980-1990)

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 17/01/2022

Júlio Ferro Silva da Cunha Nascimento

Mestrando em História Social pela
Universidade Federal do Pará (UFPA).
Programa de Pós Graduação em História
Social da Amazônia da UFPA
Belém - Pará
<http://lattes.cnpq.br/7347424803486095>

RESUMO: Após os anos de chumbo da ditadura militar e o início da abertura política dos anos a imprensa nacional começa a abordar temas antes evitados pela censura, incluindo os jornais paraenses como o Diário do Pará e O Liberal. Na década de 1980 surge um notável aumento de notícias em torno de relações entre mulheres comparado à de 1970 na imprensa paraense, sendo possível encontrar fontes históricas em torno de mulheres sáficas, no caso estudado, as caracterizadas como “sapatão”, entendidas como pessoas designadas mulheres que apresentavam comportamentos considerados masculinos para além da atração por mulheres, como roupas, trabalho, modo de andar, etc. Dito isto, o trabalho possui o intuito de analisar representações do sujeito e do termo “sapatão” num período em que sua presença surge na imprensa paraense, além de possíveis resistências sociais, partindo de um aporte teórico-metodológico apoiado na micro-história e teoria queer por entender que tal estratégia acadêmica torna-se enriquecedora ao abordar grupos sociais socialmente

marginalizados no estudo do passado.

PALAVRAS-CHAVE: Micro história. Lesbianidade. História sáfica. Teoria Queer.

**SHOEMAN LOSES TO THE SAPATÃO”:
REPRESENTATIONS AND RESISTANCE
IN PARÁ’S PRESS (1980-1990)**

ABSTRACT: After the leaden years of the military dictatorship and the beginning of political opening, the national press began to address issues previously avoided by censorship, including Pará’s newspapers such as Diário do Pará and O Liberal. In the 1980s, there was a notable increase in news about relationships between women compared to the 1970s, making it possible to find historical sources about Sapphic women, in the case studied, those characterized as “sapatão”, understood as people designated as women who presented behaviors considered masculine in addition to being attracted to women, such as clothes, mannerisms, etc. That said, the work aims to analyze representations of the subject and the term “sapatão” in a period when its presence appears in Belém’s journals, in addition to possible social resistance, starting from a theoretical-methodological contribution supported by micro-history and queer theory for understanding that such an academic strategy becomes enriching when approaching socially marginalized social groups in the study of the past.

KEYWORDS: Micro-history. Lesbianities. Sapphic history. Queer Theory.

INTRODUÇÃO

A Comissão Nacional da Verdade (CNV) expôs a inexistência de uma política oficial com o intuito de exterminar pessoas homossexuais, porém, a falta de um papel com ordens expressas para perseguir desviantes das normas de gênero e sexualidade não impediu agentes do estado de exercerem deliberadamente conservadorismos violentos. Pois, os relatos da CNV apontam como o discurso militar de “defesa dos bons costumes” acarretou no policiamento de corpos diferentes do molde social esperado (SALES, 2019).

Na década de 1980, o Brasil vivia seu período de redemocratização após décadas de uma ditadura civil-militar, onde era valorizado o silenciamento de pessoas consideradas destoantes das normas sociais, geralmente os rebeldes ao regime, como os comunistas e anarquistas. Porém, tal opressão alcançou pessoas que não necessariamente se organizavam de forma política, no caso aqui estudado, os considerados “desviantes sexuais”, “mulheres transviadas”, “sapatões”, “lesbianas”, entre outros termos a respeito de mulheres que se relacionam afetivamente com outras.

Tantos termos para designar pessoas que podemos identificar hoje em dia enquanto sáficas, uma denominação criada em referência a poeta grega Safo - conhecida pelas suas dedicações amorosas a mulheres - no intuito de englobar qualquer mulher que se relaciona com outras, uma vez que existem diversas possibilidades identitárias: lésbicas, bissexuais, pansexuais, entre outras. Portanto, devido a praticidade do termo, o usarei ao me referir às mulheres estudadas que são caracterizadas por sua relação sáfica ou por serem designadas assim pela sua expressão de gênero (vestuário, linguagem corporal, corte de cabelo, entre outros aspectos da aparência).

Outro motivo para usar uma categoria ampla que preserve a comunidade que o sujeito estudado possa se identificar é devido os discursos estudados serem produzidos por jornalistas que estão criando narrativas para a vidas dessas mulheres, ou seja, trata-se de um discurso fabricado por outrem, não por membros de tal comunidade marginalizada. Ademais, as concepções criadas pelo periódico possui constantes quebras, alterando as características que definem “uma sapatão” ou “uma lesbiana” ou “uma sapatão convicta” dependendo dos elementos presentes na matéria.

Segundo Tânia Luca (2005), a utilização de jornais enquanto fonte documental para estudar o passado acarreta entender a constante briga de interesses no discurso da imprensa, o que retira do jornal, no caso o Diário do Pará, a sua percepção enquanto mero difusor de informações. A neutralidade da fonte é questionada, o que os historiadores antigos chamam de “leitura a contrapelo”, devido levar em consideração o contexto histórico, preconceitos a minorias sociais, os interesses político-sociais dos jornalistas, além de questionar a parte material da fonte, por exemplo, o destaque a matéria na folha, a sessão designada (Teatro, caderno policial, entretenimento, política, etc).

Dito isto, foram encontradas 39 fontes no acervo digital da Biblioteca Nacional

na década de 1980 no jornal Diário do Pará, sendo 37 apenas na sessão “Polícia” que aborda crimes ocorridos no estado. Em comparação com homens “desviantes sexuais”, é notável como a representação sáfica é mais ligada a violência, uma vez que homens gays, geralmente eram geralmente presentes em matérias sobre entretenimento, teatro, cinema (MARTINELLI, 2020).

Nas décadas de 1960 e 1970 existia o receio de abordar temas considerados potencialmente perigosos, que foi o caso de notícias envolvendo os “desviantes sexuais”, onde notícias positivas em torno eram censuradas, mas as negativas poderia passar por destino igual devido a censura entender que o contato do público com a simples existência de possibilidades para além da esperada poderia aumentar o número de pessoas praticando comportamentos sexuais considerados inadequados (COWAN, 2014).

Em termos metodológicos, é importante ressaltar como o filósofo Michel Foucault (1983) cunhou o termo regime de visibilidade, salientando o sentido de controle social em diversos âmbitos presente na palavra, simultaneamente valorizando as resistências neste tipo de poder. Portanto, tal conceito foucaultiano remete a como tal assunto tem a sua visibilidade permitida ou negada, quais são as estratégias sociais que permitem ou silenciam seu alcance visual, as tecnologias discursivas utilizadas, quais interesses estão por trás do apagamento ou destaque. Portanto, embora a censura perdesse força nos últimos anos da ditadura e na redemocratização fosse institucionalmente extinta, a mentalidade da década de 1980 continuava por enquadrar mulheres sáficas num escopo negativo.

O PERIGO SAPATÃO NAS FOLHAS DE UM JORNAL PARAENSE

Como falado anteriormente, 37 das 39 fontes encontradas pertencem à sessão “Polícia” do Diário do Pará, sendo os crimes mais comuns os de lesão corporal equivalente a 64% dos casos, sendo 38% desses entre namoradas ou que namoraram antes do acontecimento. E as notícias em torno das sáficas enquanto vítimas de violência lesbofóbica tendem a girar em torno da defesa do agressor, justificando o ataque representando a “sapatão” enquanto um perigo ao casal heterossexual:

“Tudo correria maravilhosamente bem, e assim continuaria ‘pelos séculos dos séculos’, se o sapateiro não tivesse feito uma descoberta que para ele e seus muitos anos vividos era demais: a sua tão amada e querida Marilena, era um sapatão”. (AUTOR DESCONHECIDO. “Sapateiro perde para a Sapatão”. Diário do Pará. Polícia. Edição 443. 12 abril 1984.).

A constante defesa do agressor lesbofóbico as custas do bem-estar da vítima pode ser entendida a partir das concepções de Judith Butler (2011), pois a filósofa defende que as sociedades criam ideias de corpo e comportamento, sendo a quebra do molde esperado punível com o apagamento sistêmico dos sujeitos desviantes. Portanto, o corpo sáfico

é entendido enquanto substituível, merecedor de punição, intruso, incapaz de merecer empatia.

As narrativas midiáticas na redemocratização ganham novos níveis de sensacionalismo, existiam ainda certos limites de publicação ligados a valores sociais, mas com o fim da ditadura os jornais podiam escrever sem repressões diretas do regime político vigente. Casos antes geralmente ignorados como frequentes assassinatos, corrupção de chefes de estado, entrevistas com travestis famosas ganham as páginas dos jornais no intuito de chamar a atenção de quem lê. As mulheres que amam mulheres não escaparam do sensacionalismo da mídia paraense.

O termo “sapatão” possui maior número de menções que “lésbica”, sendo usada em 75% dos registros, enquanto “lésbica” é utilizada 41%, sendo comum o uso das duas categorias de designação na mesma matéria, porém o destaque no título tende a ser “Sapatão”. Possivelmente, devido ao caráter apelativo da palavra que instiga em que lê diversos estereótipos. Sendo a imagem brasileira da categoria lésbica em pleno processo de reconstrução positiva, devido militantes dos movimento homossexual, a exemplo as escritoras do jornal ChanaComChana, lutarem pela construção positiva da identidade lésbica, que era frequentemente negada inclusive por muitas mulheres que relacionavam com outras, mas temiam o peso social que a palavra carregava (LESSA, 2008). Como é caso da cantora Ângela Ro Ro, hoje em dia assumidamente lésbica, mas que segundo a historiadora Patrícia Lessa em suas entrevistas durante a ditadura as vezes adotava uma postura de negação da palavra:

“A separação que a cantora faz entre eu e vocês (militantes lésbicas) expressa a demarcação de lugares de fala na cena discursiva. Ela não aceita enquadrar-se em um termo, é uma cantora e deixa bem claro o sentido de brincar com a identidade sem necessitar fixar-se na mesma ancoragem da militância lesbiana. (...) O rótulo imposto pelo olhar de outrem é por ela recusado, sobretudo quando expressa a ‘diferença’, aquela que traz em seu sulco a inferioridade e a discriminação.” (LESSA, Patrícia. 2008).

Medo compreensível uma vez que em entrevista em 2020 para o Diário de Pernambuco¹, a cantora comenta que se assumir lésbica “custou cegueira de um olho e metade da audição”, devido ataques frequentes que sofreu na sua juventude por violência lesbofóbica. Assim, podemos entender como era importante ressignificar o termo, mas também entender as limitações no período para figuras importantes da comunidade, que seriam capazes de ajudar na luta, não o fizeram por riscos a sua integridade física e mental:

A violência ligada a imagem sáfica, seja praticante, seja vítima, pode ser relacionada ao peso em torno da identidade lésbica enquanto identidade indesejável. Sendo uma construção imagética da sapatão fortemente ligada a valores positivamente esperados de homens cisgêneros, mas que em sua mulheridade ganha um tom extremamente

¹ Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/07/me-assumir-lesbica-custou-a-cegueira-de-um-olho-e-metade-da-audicao.html> <Acesso em 14/05/2021>.

negativo, como é o caso da força, cortejar mulheres, morar com a parceira, entre outros papéis considerados masculinos.

Infelizmente, até o famoso jornal *Lampião da Esquina* conhecido por abordar matérias a respeito de sujeitos excluídos por preconceito da maioria da população, sendo as lésbicas e bissexuais incluída nesse grupo, acabou por contribuir para a taxaço de lésbicas enquanto perturbadoras da ordem, vazias, badeineiras. Enfim, em vez de salientar a importância da resistência política da comunidade sáfica brasileira, preferiram cair frequentemente num discurso caricato e prejudicial (MARIUSSO, 2015).

A visibilidade atribuída aos sujeitos estudados ganham peso a ser ligada com outras minorias sociais, onde nos é útil o conceito de interseccionalidade cunhado pela teórica Kimberlé Crenshaw, pois aqui entendemos como além dos marcadores sociais da diferença de gênero e sexualidade, a questão étnica e religiosa podem ser relacionadas. Pois, em uma matéria de grande destaque do *Diário do Pará*, são salientadas a sua identidade lésbica e sua religião de matriz afro-brasileira:

“A polícia da Marambaia está conversando sério com a macumbeira e lésbica Lourdes de tal que, usando de artificios vários e se dizendo incorporada, vem dando seguidas cantadas em mulheres casadas, e quando não consegue seus intentos, acaba praticando roubos, fazendo limpeza nas casas que visita” (AUTOR DESCONHECIDO. “Macumbeira e lésbica alicia mulher casada”. *Diário do Pará*. Edição 534. Polícia. 31 jul 1984.).

Não cabe no presente estudo realizar juízo de valor para classificar a citada Lourdes enquanto assediadora ou uma possível amante, o foco está em como a sexualidade desviante da mulher lésbica pode ser exposta enquanto mecanismo para culpabilizá-la, além de servir como estratégia narrativa que sensacionaiza a situação, uma vez que o título da matéria em destaque é “Macumbeira e lésbica alicia mulher casada”. Onde a visibilidade criada em torno da mulher lésbica em questão não reflete apenas no indivíduo, mas no entendimento do leitor ou leitora a respeito da lesbianidade enquanto perturbadora da ordem social.

As mulheres consideradas como “sapatões inveteradas” são entendidas pelos jornais como mulheres lésbicas que assumidamente se relacionam apenas com mulheres. Dito isto, existem os casos de mulheres que podem ser classificadas como bissexuais, uma vez que existem matérias a respeito de mulheres agredidas por suas parceiras por demonstrar interesse por homens ou que terminou sua relação sáfica para voltar com o marido.

Nota-se a construção da visibilidade da mulher bissexual - ou mulher que não é “uma sapatão inveterada” - ligada a narrativas que a enquadram enquanto vítima de violência doméstica, onde as carecterísticas consideradas femininas da pessoa são assentuadas pelo discurso midiático estudado em questão. Pois, com frequência abordam como a beleza curvilínea da vítima gerava ciúmes na parceira, a existência de um casamento prévio, a

maternidade, interesse em homens etc.

As narrativas de mulheres com relações amorosas com homem ou/e outra mulher apontam para uma direção que o caminho sáfico é temporário, uma aventura, uma crise na identidade de uma mulher casada, um momento da vida. A relação sáfica é apresentada enquanto uma possibilidade irreal, que o único destino é a violência doméstica da parceira lésbica ou uma futura desistência e volta para a relação com homens:

“Marlene tem um caso amoroso com a sapatão conhecida apenas por Tarcila, que por ela nutre incontrolável ciúme. Depois de passarem a noite bebericando em botecos localizados na Avenida Bernardo Sayão, Marlene achou de dar ‘bolas’ a um elemento que dela se engraçou. Isso bastou para que a sapatão Tarcila lhe aplicasse tremenda facada no flanco direito. Depois de esfaquear a amada, a lésbica tratou de se mandar, enquanto Marlene era conduzida ao PSM.” (AUTOR DESCONHECIDO. Sapatão tresloucada castiga garota infiel. Diário do Pará. Polícia. Edição 509. 01 de jul 1984.).

Ao atentar ao regime de visibilidade que problematiza como a o que nos é mostrado implica no apagamento de outras possíveis visualizações, ou seja, é preciso ler a contrapelo o que nos é apresentado nas folhas de jornais. Pois, embora 94% das matérias sobre mulheres sáficas estejam na sessão policial, há casos 3 casos de tentativas de suicídio, o que não é crime; 2 casos de sequestros que foram apenas queixas de mães contra a filha que escolheu se amansiar com a namorada; e 6 casos de legítima defesa, seja por violência lesbofóbica ou outro motivo.

O que é notável é o destaque dado para casos de violência entre duas mulheres, como se o problema possuísse início e término dentro da comunidade, possuindo um caráter isolado, inato da comunidade sáfica, sem necessidade de intervenção. O que silencia o fato da maioria dos casos envolvendo lesão corporal ou morte a vítima é a lésbica, a amante sapatão, a frequentadora lesbiana de um bar, porém, o foco nesses casos tende a ser no agressor, na parceira, no marido traído.

O uso da palavra “sapatão” no discurso midiático estudado pode ser entendido como estratégia argumentativa para representar a mulher sáfica enquanto menos que uma pessoa ao colocá-la em diferenciação entre outras mulheres. Em demasiados casos, a matéria se refere a “sapatões” e mulheres enquanto elementos distintos, negando a mulheridade da sáfica, por fim, a diminuindo enquanto pessoa, o que serve como argumento para justificar violências motivadas por questões de sexualidade e gênero.

RESISTÊNCIAS SÁFICAS EM UMA BELÉM SUFOCANTE

Os historiadores e historiadoras há décadas praticam a chamada leitura a contrapelo no intuito de questionar os múltiplos discursos existentes em uma única fonte, que enriquece a pesquisa ao entender um registro histórico enquanto plural, fruto de constantes brigas de interesse e passível de silenciamentos que quem criou a fonte pode ter realizado de

propósito ou de maneira inconsciente, geralmente ligado a concepções sociais da época.

Dito isso, os pesquisadores do passado nas últimas décadas praticam tal metodologia a fim de encontrar protagonismos em fontes institucionais, tradicionalmente sem a participação de grupos há séculos incapazes de escrever sua própria história. A exemplo, o historiador Márcio Couto Henrique no livro “Nem vieira, nem Pombal” utiliza fontes não escritas por indígenas como registros de jesuítas, registros judiciais, diários de viagem, mas consegue realizar uma rica pesquisa que demonstra estratégias sociais de grupos indígenas plurais no século XIX.

Portanto, com a metodologia apropriada, é possível identificar resistências sociais de mulheres sáficas ao analisar o discurso midiático criado por jornalistas fora da comunidade. Segundo Luca (2005), os periódicos não são estáveis como pretendem ser, pois são dotados de quebras narrativas, portanto, possibilitando análises de registros que vão além da imagem negativa padrão em torno do tema estudado. Além disso, as próprias matérias negativas possuem potenciais narrativos que podem passar imperceptível pelo próprio autor da matéria, o que abre caminho para problematizações enriquecedoras.

Como falado anteriormente, a maioria das fontes tratam de casos de violência, porém, ao seguirmos os pensamentos de Fanon (2008) ao considerar que uma reação violenta pode ser o último recurso de um grupo oprimido em um sistema que não garante outros meios de libertação. Como é o caso de mulheres lésbicas que o jornal apresenta enquanto pessoas que reagiram a um primeiro ataque motivado por questões identitárias, como é o caso de Doralice, que exausta das provocações lesbofóbicas do homem conhecido como Chico Doido contra citada e sua namorada, a mulher decidiu esfaqueá-lo².

É notável a quebra de narrativa no caso de Doralice uma vez que o discurso da matéria começa por demonstrar o lado trabalhador da acusada e como vivia com a namorada com uma baixa renda, mas sempre as duas lutando juntas para garantir o pão de cada dia. Onde o Chico Doido entra enquanto perturbador da ordem, que não aceitava a relação de duas mulheres pobres que só queriam sobreviver, o que culminou na vingança de Doralice, o que o jornal cria uma atmosfera de violência justificável, uma vez que o casal apenas quis se defender³.

A questão trabalhista aparenta carregar um peso positivo para alcançar uma certa empatia do discurso midiático, pois, assim como na matéria citada, as outras que abordam em um certo tom de empatia também citam mulheres que são donas de bar, trabalhadoras ambulantes ou que possuem um fonte de renda não-citada, mas com o intuito do casal morar junto sem perturbar a família. O que pode ser ligado com uma quebra do estereótipo que liga mulheres sáficas a desordem e falta de preocupação com valores familiares.

2 AUTOR DESCONHECIDO. Lésbica matou o doido. Diário do Pará. Polícia. Edição 793. 05 jun 1985.

3 “Cansada de ser xingada pelo elemento conhecido por Chico Doido, ontem a ‘sapatão’ resolveu dar um basta numa situação insuportável: meteu a faca no seu algoz” AUTOR DESCONHECIDO. A terrível vingança da lésbica. Diário do Pará. Polícia. Edição 793. 05 jun 1985.

Nos casos que abordam sequestro, há um fator distinto que é a ironia encontrada na escrita dos jornalistas, pois os dois casos encontrados tratam-se de acusações familiares a respeito de mulheres que escolheram viver juntas, mas a família insiste em enquadrar enquanto sequestro, o que o jornal desmente ao salientar as falas das mulheres em questão que assumidamente são um casal:

“Na pedreira, foram presas Cleide Pereira de Freitas e sua amante Lúcia Lima Marques. Quem pediu a prisão foi a mãe de Cleide, que disse ao delegado que a filha foi raptada da casa pela Sapatão Lúcia. Na delegacia, entretanto, as duas disseram que estão vivendo numa boa, e não estão arrependidas do que fizeram. Como são maiores de idade, foram liberadas. Que levem a vida que acharem melhor.” (AUTOR DESCONHECIDO. Sapatão. Diário do Pará. Polícia. Edição 494. 13 jun 1984.).

Existem notáveis demonstrações de afeto nas folhas pesquisadas, inclusive com claras demonstrações de apoio em determinados casos, o que podemos entender enquanto resistência devido as mulheres citadas precisarem superar certas pressões sociais silenciadoras que almejavam o fim de suas relações. A representação sáfica apresenta um destaque maior a questões afetivas que matérias em torno de outros sujeitos considerados invertidos sexuais. Pois, as matérias em torno de travestis abordam geralmente o glamour das festas ou casos de violência envolvendo prostituição (VERAS, 2020); os *gays* tendem a ser representados enquanto entretenimento, porém a questão afetiva é apagada ou satirizada (MARTINELLI, 2020).

CONCLUSÃO

Ao analisar as fontes coletados a partir de conceitos foucaultianos e da teoria queer, podemos entender como o corpo da mulher sáfica sofreu constantes ataques físicos na década estudada, onde o jornal podia realizar um segundo ataque, mas simbólico ao naturalizar a violência lesbofóbica, que retira a humanidade do sujeito ao negar entendimento enquanto uma pessoa merecedora de direitos humanos e afeto.

Problematizar a materialidade do hábito do jornal estudo em dar grande destaque a casos de violência entre mulheres sáficas, como em matérias de capa e colunas que cobrem uma grande área da folha, pode-se entender um interesse do discurso midiático em deslegitimar as relações entre duas mulheres, sensacionalizar uma relação fora do esperado no intuito de chamar atenção de leitores, o que colabora para um entendimento danoso para a aceitação e assimilação de minorias sociais.

Existindo casos de resistência nas narrativas estudadas que o jornal apresenta certas quebras na representação negativa em torno de mulheres lésbicas e bissexuais, geralmente ligado a questões individuais como ser uma pessoa trabalhadora, o que pode ser entendido como um fator positivo para criar empatia entre as sáficas e o jornal uma vez que isso é uma fuga do estereótipo da “sapatão” que causa desordem social, o que acaba

possibilitando casos de apoio a casais sáfcicos no discurso jornalístico.

Portanto, com o levantamento das fontes presentes no acervo digital da Hemeroteca Nacional a respeito de mulheres sáfcicas na década de 1980 abordadas no Diário do Pará tornou-se possível entender o uso das categorias de designações utilizadas; o perfil imagético montando em torno da mulher sáfcica; as tensões e expectativas em torno das mulheres estudadas; e as resistências e quebras de narrativas importantes para o entendimento de um passado sáfcico na capital paraense.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: On the discursive limits of sex*. Taylor & Francis, 2011.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James; QUINALHA, James (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EduFSCar, 2014, p. 27-52.

DA SILVA MARTINELLI, Leonardo. “Um gay power à brasileira”: Veja e a representação dos homossexuais em meados de 1977. *Revista Aedos*, v. 11, n. 24, p. 164-188, 2019.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1983.

FRANTZ, Fanon. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, p. 111-153, 2005.

LESSA, Patrícia. Visibilidade e ação lesbiana na década de 1980: uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-Feminista e do Boletim Chanacomchana. *Revista Gênero*, v. 8, n. 2, 2008.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes et al. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)*. 2015.

SALES, Gabriela Coutinho. *Lésbicas no debate da redemocratização: uma análise do boletim ChanaComChana*. 2019.

VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. Editora Appris, 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afro-brasileiro 12

Anarquismo 65, 66, 70, 71, 72, 75, 76, 77

Arte 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 75

Autogestão 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

C

Casamento 5, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89

Colonização 43, 49, 50, 84

Comunismo 111, 114, 116, 117, 118

Constituição 14, 17, 49, 50, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 117

Cultura 1, 10, 12, 14, 18, 21, 22, 24, 28, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 70, 105

D

Direitos civis 110, 111, 113, 116, 117, 119

Ditadura militar 1, 104

Diversidade cultural 29, 30, 31, 34, 37, 39, 40, 41, 54, 62

E

Educação 21, 29, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 104, 105, 112, 117, 118, 121

Ensino 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 78, 89, 101, 104, 105, 116, 117, 121

Escravidão 11, 43

Espaços 1, 13, 14, 17, 41, 56, 104, 112, 113, 117, 118

Expressão de gênero 2

F

Família 7, 8, 13, 23, 56, 62, 63, 67, 78, 79, 83, 100, 104, 105

G

Gênero 2, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 41, 121

Governo 13, 21, 49, 70, 74, 76, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 113, 117

Governo provisório 100, 102, 103

H

Heterogestão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75

História 1, 1, 7, 9, 10, 12, 17, 18, 21, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 78, 79, 80, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 106, 107, 108, 110, 111, 119, 120

Humanidade 8, 35, 43

I

Idade média 78, 79, 80, 85, 87, 88, 89

Igreja 26, 45, 49, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 93, 94, 97, 101, 104, 105

Imprensa 1, 2, 14, 108

Integração 21, 110, 111

Intolerância 49, 93, 99

L

Lugar 11, 12, 17, 26, 28, 33, 37, 44, 60, 70, 80, 83, 94, 105

M

Macarthismo 110, 111, 113, 114, 115, 118, 119

Micro história 1

Movimentos civis 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119

Mulher 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 62, 79, 83, 85, 86, 87

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 31, 50, 54, 70, 81, 85

N

Normatização 78, 85, 89

P

Poder 1, 3, 13, 33, 45, 51, 68, 69, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 84, 86, 88, 89, 93, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 114, 121

Política 1, 2, 5, 19, 20, 21, 22, 28, 48, 51, 66, 68, 74, 76, 80, 100, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 117

Protagonismo 26, 53, 54, 63

R

Racismo 53, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 99

Relações étnico-raciais 53, 54, 57

Religiões 13, 39, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Religiões afro-brasileiras 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52

Representações sociais 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42

República 21, 88, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

S

Samba 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 25

Sociedade 1, 14, 15, 16, 21, 22, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 44, 45, 48, 50, 51, 55, 56, 59, 66, 67, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 105, 111, 113, 116, 117, 118

Supremacia branca 110

T

Teoria queer 1, 8

Territórios 20, 83, 101, 116

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 @arenaeditora
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2022

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022